



VLADIMIR LENIN

Sobre a Estratégia Leninista

Wilson do Nascimento Barbosa

Julho de 2012

Traço Nacional e Traço de Classe

”Pense como um alemão e aja como se fosse um francês, mas não pense como um francês e aja como se fosse um alemão“.

Otto von Bismarck

O dístico acima, consta, teria sido proferido pelo chanceler alemão, ao saber da prisão, em campo de guerra, do imperador dos franceses, Napoleão III. Haveria, portanto, em seu modo de ver, traços nacionais próprios que, além de tipificar cada cultura, também tem sua parte psicológica que necessita ser domesticada, abandonada ou trocada. Napoleão III teria seguido seu “sangue francês”, ao declarar guerra precipitadamente à Prússia. Nisso supostamente estaria seguindo Napoleão I na campanha da Rússia. No entanto, sabemos que Napoleão I não agia por impulso, mas fingia fazê-lo, o que não é a mesma coisa. Napoleão III, enfermo no momento de declaração de guerra à Prússia, também não manifestou semelhante impulso, mas antes foi vítima da necia decisão da imperatriz, por sinal espanhola, e de seus malfadados ministros.

Seja o que haja sido, o traço detectado quase sempre pelos historiadores é a impulsividade francesa – talvez apenas aparência – e o cálculo frio alemão - talvez exagerado. Pode-se, é óbvio, atribuir a Hitler “uma impulsividade francesa” na escolha da campanha soviética, embora ele a houvesse planejado detalhadamente durante um ano, como, aliás, fizera na situação similar Napoleão I. Pode-se até, como fazem alguns, inverter as características atribuídas a cada parte. Por certo, faltou sangue alemão ao Führer, que era sabidamente impulsivo, mas também calculista. Daí que se deva ter cuidado com a logicização das incompreensibilidades

históricas. Há algo correto na afirmação de Bismarck, embora se tenha dificuldade em detectar o que seja. Todo aquele que viaja pelo mundo, viva aqui e ali uns tantos meses, e não semanas, descobre de alguma forma que a famosa “alma nacional” não é uma invenção da historiografia inglesa. Ela de fato pode ser detectada, quanto mais se viva em uma cultura que não é a própria. É fato para o viajante experiente que a psicologia social varia muito de um russo para um inglês, um francês, um alemão ou um egípcio. Nem por isso suas diferenças deixam de ser discutidas e de gerar paixões interpretativas.

Há uma maneira nacional de fazer as coisas? A mesma coisa é compreendida de modo diferente em cada nação? E, nesse caso, entendida diferentemente em cada grupo social ou étnico? Os kirguises lutaram sob uma ótica diferente dos russos, debaixo da bandeira soviética? O problema não é em nada simples. A vitória da Revolução de Outubro trouxe para o debate político e militar do antigo império russo a discussão do traço de classe da política e da guerra, ao lado da discussão já existente do traço nacional.

Carl Phillip von Clausewitz (1780-1831), com a experiência de seus vinte e três anos de combate contra a Revolução Francesa, formulou no seu livro *Da Guerra* os contornos da mudança imposta pela ascensão de uma nova classe no cenário internacional e seus efeitos globais sobre a política e a guerra. Ao observar e analisar as novas formas de guerra e mobilização trazidas pela França revolucionária para sobreviver no contexto das coligações, Clausewitz elaborou novos princípios teóricos que pudessem descrevê-las, como a economia de forças, o contragolpe e a contraofensiva. Também pôs no papel o móvel mental do novo gênio, Napoleão, na maneira de conceber a nação e seus recursos com unidade de comando política, militar e social. Depois do pensamento de Clausewitz, as implicações estratégicas da Revolução Francesa puderam ser amplamente aprendidas, sendo pouco a pouco incorporadas por todos os Estados sobreviventes, nos cem anos seguintes. Uma reflexão analítica sobre a obra de Clausewitz faz aceitar diferenças novas no traço nacional e no traço de classe da política e da guerra pós-1792. Seriam tais modificações mero resultado inevitável da passagem do tempo? Poderiam ser vistas como problemas estruturais, ou mera idiosincrasia de forma?

Havendo Marx e Engels estudado e debatido o pensamento de Clausewitz, também a corrente marxista da luta política incluiu uma versão de seu entendimento e Lênin antecipou os marcos de seu papel teórico para o nascente Estado soviético. Com a Revolução Russa, seguida da guerra civil, os principais quadros do poder militar soviético tiveram que

desenvolver suas posições, quanto ao traço de classe e ao traço nacional de uma possível doutrina militar soviética. Esta discussão era o envoltório de uma discussão política mais grave: qual a natureza do Estado soviético; e se deveria existir um Estado soviético. De modo grosseiro, nesse processo pode-se argumentar a formação de três correntes: (1) uma “de esquerda”, dizia que o Estado não poderia constituir um socialismo em um só país, e que o proletariado, ao tomar o Estado russo, entrava em uma luta mundial, em que devia: (a) perecer ou (b) levar à vitória uma revolução global; (2) uma outra concepção, “de direita”, que acreditava não ser a experiência soviética diferente da francesa, enquanto processo revolucionário.

Por isso, haveria de se seguir algo como aquele século de transição observável no caso da França. Uma luta com marchas e contramarchas, com vitórias e derrotas proletárias, que poderiam abrir um caminho mundial para o socialismo. Portanto, o Estado tomado, deveria ser revolucionado ou reformado e servir de acantonamento para a classe proletária travar uma guerra de longo prazo. Uma outra posição (3), “de centro”, que preconizava aferrar-se ao Estado e defendê-lo de perigos externos e internos, previsíveis e imprevisíveis, enquanto “se ganhava tempo” para que outras revoluções ocorressem e o salvassem “desde fora.”

As correntes (2), “de direita” e (3), “de centro” tendiam a compreender o Estado soviético como um ganho líquido da revolução mundial. Portanto, tal Estado potencialmente representava uma nova natureza social e nacional, sendo a vanguarda mundial. E, cada vez mais, devia ser preservado “a qualquer custo”. Isso levava a entender a doutrina soviética como algo novo em natureza, tanto política quanto militarmente. Politicamente, tinha-se “o caminho universal da Revolução de Outubro”, que logo Zinoviev, através da Terceira Internacional, buscava difundir para todos os povos. Militarmente, tinha-se a doutrina militar soviética, considerada socialmente nova e capaz de unir, desde um simples agrupamento operário ou camponês de autodefesa, à máquina estratégica de um Estado contemporâneo, capaz de defender-se e passar à contraofensiva. Era elevar a teoria clausewitziana a seu máximo.

Salta à vista, desde logo, que nenhuma das três correntes políticas oriundas da Revolução de Outubro descartava a luta armada e, portanto, a necessidade de exércitos e destacamentos armados das classes operária e camponesa. A força armada era a garantia de um Estado soviético. A hipótese da renúncia temporária à luta armada só vigorava, está visto, para a II Internacional, que considerava ser a mesma a natureza de um exército contemporâneo em qualquer Estado contemporâneo. Com um raciocínio parecido ao dos fascistas então em surgimento, a III Internacional

depositava uma enorme esperança nos soldados desmobilizados (fim da Primeira Grande Guerra), para que os mesmos viessem a desempenhar um papel chave para a mudança, junto ao operariado e ao campesinado de seus países de origem. Em seis ou sete anos apenas, haveriam de proliferar os bandos fascistas formados por ex-soldados, pagos pelos patrões para assaltar e assassinar membros do movimento trabalhador consciente. Tais quadrilhas de bandidos, apoiados pela polícia comum, assaltariam o poder em toda parte, formando o cordão de Estados fascistas e parafascistas que levariam à Segunda Guerra Mundial.

Naquele intervalo de tempo (1919-1935), deu-se feroz luta entre as forças dos trabalhadores e as da burguesia. Em tal contexto, a III Internacional pôde testar à vontade suas teses sobre a natureza de classe da guerra e dos movimentos insurrecionais. Desempenharam aí papel de importância os cursos formativos em guerra dados na Academia Militar de Moscou por quadros como Frunze, Tukatchevski, Kamenev e Shaponishkov para os dirigentes bolcheviques empenhados na guerra civil e na organização da III Internacional. Alguns desses “alunos” tiveram, no subsequente, papéis cruciais na marcha da luta mundial. O debate daqueles “ex-alunos” da Academia Militar de Moscou encerrava, na verdade, diversos pontos: (a) o papel das milícias operário-camponesas como força, principal ou secundária, junto ao Exército Vermelho; (b) o lugar do corpo de oficiais herdado do czarismo (cerca de oitenta mil) no exército soviético; (c) a natureza militar do exército em um país socialista; e (d) o ponto de imbricação entre a doutrina insurrecional e a doutrina militar de novo tipo.

Quanto a esta última questão, o método dialético indica que o conteúdo político da forma de luta se transforma gradualmente em conteúdo militar, ou seja, se trata da transformação da qualidade em quantidade. As exigências metodológicas para a alteração da relação de forças irão indicar – em dado ponto – a passagem para uma tática que torna indispensável a posse e o uso de forças militares. Quando o trabalho organizado requer o enfrentamento de uma forma de luta nova, imposta pelo inimigo, seja para manter seja para reverter a relação de forças a seu favor, então se descortina para o movimento revolucionário toda uma etapa tática absolutamente definível ou conhecível.

Até então, do ponto de vista teórico, esta etapa tática não era rigidamente definida. Na experiência dos séculos XVIII e XIX, nas revoluções de 1789, 1830 e 1848, na Comuna de Paris (1870), a eventual vanguarda dirigente das massas trabalhadoras havia encontrado dificuldades para passar da mobilização e das lutas específicas de cada grupo para a

luta de rua aberta, segundo um plano tático. E dificuldades para levar daí até a insurreição popular. No entanto, para esses novos elementos vindos do núcleo dirigente da Revolução de Outubro, a questão parecia agora (então) meridiana. A nova etapa tática chamava-se *defesa ativa*, e ela permitiria, pelos seus elementos componentes, fazer face a qualquer situação e a qualquer inimigo do povo trabalhador. Para Frunze e seus seguidores (entre os quais se encontravam nesta questão Stálin, Voroshilov e Bulganin), a defesa ativa era a etapa tática que permitia abrigar desde as formas mais baixas de organização militar para autodefesa até formas bastante complexas de ação, capazes de roubar a iniciativa do inimigo. Por este caminho, seria possível construir métodos unificados de direção, de trabalho e de ação na luta armada, para chegar às diferentes formas de insurreição previstas pela teoria marxista.

A tática de defesa ativa se baseia no cálculo de “nossas possibilidades” e “as possibilidades do inimigo”. Ao apreciar a “relação de forças”, deve-se ter em conta: (1) um cálculo realista do caminho a escolher; (2) uma análise judiciosa dos fatores (políticos, econômicos, militares) em jogo na situação. A defesa ativa sempre parte de fases de defesa móvel, para criar condições de chegar à defesa fixa. O estabelecimento da defesa fixa implica o controle de uma força militar experimentada e o amplo conhecimento das possibilidades e das formas de ação do inimigo. Nesse sentido, a preparação das condições das formas de luta previsíveis que se darão no futuro próximo, é uma tarefa operacional.

Este era o vínculo entre o treinamento e a formação do exército soviético, as milícias e a população operário-camponesa. Pequenas unidades de concretização do combate poderiam praticar a defesa móvel. Elas não se aferrariam ao terreno; elas permitiriam, pelo seu movimento, trocar baixas por espaço, ganhando tempo e experiência. O centro de sua atividade era incomodar o inimigo, e trocar espaço por sobrevivência. Um elemento importante era o cuidadoso planejamento de cada ação, para assegurar a iniciativa, a surpresa e, portanto, ser capaz de cansar o inimigo.

O sucesso na prática da defesa móvel levaria gradualmente ao estabelecimento da defesa fixa. Este tipo de defesa implica certo controle do espaço, com o surgimento de oportunidades, forças e tendências para constituir áreas ou zonas libertadas. Nessa situação, por certo tempo, (a noite, por exemplo), ou todo tempo, o inimigo não consegue –pelo custo-manter-se no território “sob nosso controle”. A defesa fixa requer um estado-maior estável, formações táticas ou unidades de combate bastante temperadas para manter locais, bases ou áreas libertadas. São traços da

defesa fixa: (a) unidades de combate experientes; (b) obstinação na guerra de movimento e na resistência; (c) capacidade de aplicar contrataques e contragolpes cuidadosamente planejados.

Vê-se aqui a ponte entre a doutrina insurrecional soviética, que foi levada por combatentes (S. Vaupchássov, Malinovski, P. Naúmenko, Grigoróvitch) do Exército Vermelho para a Guerra Civil Espanhola e a doutrina guerrilheira ensinada pelo coronel A. Bayo a Fidel Castro e os seus, que triunfou em Cuba, dezenove anos depois (1939-1958).

O caráter vitorioso da doutrina marxista não deve, no entanto, ser entendido como uma benção automática. As condições não permitiram que ela vencesse na Espanha e em muitos outros lugares. Ela depende do fator subjetivo. Da competência daqueles que a estão aplicando. Todos aqueles que foram educados por manuais ou práticas revolucionárias sabem o quanto de idealismo pode se encerrar em expressões como “experiente”, “combativo”, “unidades temperadas”, “cuidadoso”, etc. A tentativa tática de aplicação de todos os princípios da luta revolucionária indica tanto o alto custo humano que eles exigem como a inexistência de outro caminho para chegar ao poder.

A discussão das formas milicianas da insurreição não pode ser separada da experiência da guerra civil na União Soviética, onde a ofensiva manobreira fazia o território mudar de mão constantemente e as formações táticas locais tinham que se manter ativas. Tal experiência foi estudada e tornada útil na China e no Vietnã. No Brasil, na experiência da ditadura aberta mais recente (1964-1990), houve quadros organizadores que vinham de uma tradição comunista de luta. Suas medidas organizativas na luta contra a ditadura valeram-se em certa medida da experiência marxista de luta em outros lugares.

Portanto, observando desde a experiência histórica, tornou-se central para a doutrina leninista a tese de que a iniciativa de classe (e nacional...) pode ser recuperada a partir da tática de defesa ativa. Tal movimento tático expressa toda uma etapa de luta, durante a qual o movimento trabalhador engendra formas militares para se opor a formas abertas de ditadura da burguesia e outros setores opressores. Essas forças opressoras podem em certas circunstâncias impedir a luta política, a existência de organizações independentes das classes sujeitadas, etc.

A complexidade das formas políticas da defesa ativa pode permitir às forças revolucionárias manterem-se vivas e construir seu trabalho na clandestinidade. Permite tanto determinar o custo dos riscos que enfrenta como hibernar e crescer (acumulação de forças; economia de forças). Nesse embate, o núcleo dirigente do movimento trabalhador pode ainda analisar,

pelo movimento conjuntural, o potencial de desagregação do inimigo e prosseguir em seu trabalho de construção, que é parte insubstituível do combate total.

No entendimento marxista e, portanto leninista, o Estado proletário nasce do desenvolvimento da consciência social da classe trabalhadora. Só o movimento social dos trabalhadores conscientes pode levar à tomada do poder pela aliança organizada de operários, camponeses pobres e o povo pobre em geral. Não importa a forma dos partidos políticos que conduzam – com seus impasses e acertos – a tal processo, o desfecho será sempre o resultado da ação consciente de um núcleo de trabalhadores, capaz de ousar “tomar o céu de assalto”, mas com habilidade técnica suficiente para materializar tal ato. Assim, a III Internacional se organizou, sob a liderança de Lênin, para difundir em escala mundial a experiência bolchevique de tomada do poder. Ou seja, o sucesso de um partido operário podia facultar ao proletariado de diferentes países conhecer e procurar a sua própria forma de aplicar o chamado “caminho universal da Revolução de Outubro”.

Ao considerar tal caminho uma solução universal, os partidários de Lênin queriam dizer que o advento do socialismo no antigo império russo era um fato da realidade. Isso indicava como possibilidade concreta a oportunidade de vitória para qualquer movimento trabalhador que lutasse para tomar o poder. Para os leninistas, dentro de cada revolução da época contemporânea passava a existir uma oportunidade real de mudança social. Ela seria potencialmente uma forma da revolução socialista. Estava-se na arena de um embate universal e o teatro de combate passava a compreender toda a humanidade, ou todo o mundo.

Ora, até então era um privilégio da burguesia conceber o mundo como um cenário seu. A proposta de uma outra classe como pretendente à coroa mundial irritava e até levava em muitas partes a burguesia ao desespero. Tornava em muitos lugares a militância operária um crime imperdoável. Particularmente em países menos importantes. No entanto, era nesses países que a concepção leninista era ainda menos difundida, criando-se um paradoxo de repressão brutal utilizada contra movimentos ecléticos.

A ideia corrente de socialismo era à época um amálgama romântico, uma mistura de pregação moralista, nostalgia da Comuna de Paris e anarquismo pequeno burguês. Nessa situação, seria, portanto, o nascente partido comunista em escala internacional uma máquina de eficiência discutível para por em pé um amplo exército, com militantes que tivessem uma compreensão da doutrina leninista, requisito importante de “elemento consciente”. A experiência das insurreições europeias veio

contribuir para enriquecer a teoria da luta revolucionária, do ponto de vista leninista. As insurreições da Hungria e Baviera (1919), com a formação local de embriões de exércitos vermelhos, os levantes em Reval (Estônia) (1924), em Hamburgo (1923), em Cantão e Shanghai (1926-1927), estes na China, foram amplamente debatidos pelos organismos encarregados pelos quadros, na atividade da Internacional e do Exército Vermelho. Participaram na organização dessas ações e em sua reelaboração enquanto material de treinamento Osip Piatniski, Unschlicht, Ture Lehen, Erich Wollenberg, M. Tukhachevski, Blücher (o alterego de Chiang Kaishek até então) Iegorov, Ho Chi Minh, Yakir, Garmanik e outros.

Assim, o patrimônio do “caminho universal de Outubro” encontrava-se condensado sob a forma de cursos, livros, apostilas, documentos e, sobretudo, ideologia política na cabeça de quadros do Exército Vermelho e da III Internacional. Constituíam-se a base insurrecional da doutrina política e militar soviética, o leninismo. No entanto, em virtude dos expurgos, e da escassa formação de quadros leninistas para muitas regiões, como África e América, a maior parte deste patrimônio iria tornar-se apenas referencial para os partidos e movimentos dessas regiões. Nelas continuaria a prevalecer o discurso reformista romântico, que unia razão e irrazão em geral ou um marxismo europeísta cuja matriz era Kautsky.

O fracasso da insurreição em Reval (1924), quando examinado em seus grandes traços, contém elementos bastante parecidos com o fracasso da insurreição no Brasil, em 1935. No caso estoniano, acusa-se o oportunismo de Zinoviev, que desejava se recuperar do desprestígio causado pela derrota do “Outubro Alemão” (1923). Ele teria levado seus seguidores bolcheviques a articular a insurreição de Reval, sem o conhecimento dos órgãos organizativos do Komintern. Teria havido a partir daí tanto a superestimação das condições locais, quanto a ausência do apoio em quadros e material que a III Internacional poderia fornecer.

Também na análise de outros acontecimentos, como por exemplo o golpe de Chiang Kaishek, em 1927, vê-se a ausência de cálculo frio da parte dos quadros da Internacional, com o jogo de interesses de carreiras pessoais, a deformação dos métodos de luta interna e outros erros. Qual seria o problema desses erros? A inerente incompetência e maldade humanas? A crítica marxista os apresenta como permanência de vícios da ideologia pequeno burguesa e dificuldade para assimilar a nova ideologia política, proletária. Haveria uma possibilidade intrínseca de quadros de um centro revolucionário para entender os traços nacionais e de classe de uma revolução local? Examinando-se a questão desde o ponto de vista histórico, a resposta parece estar na última pergunta. A observação de

movimentos vitoriosos, como a Iugoslávia, China, Cuba, Vietnã, etc., indica que, quanto menos intervenção direta externa na condução dos quadros locais, maior o sucesso das forças revolucionárias. A percepção disso levou certamente à tese soviética contrária à chamada “exportação da revolução”. Isso é claro, sem dispensar a formação teórica e técnica como apoio e eventual apoio material. A burguesia intervém diretamente em qualquer país e isso lhe dá uma vantagem inercial enorme. A burguesia, quando classe revolucionária, sempre “exportou” a revolução. No entanto, a burguesia é uma classe social de exploradores, ela não requer exatamente uma ideologia nova. Os elementos de interesse material prevalecem nos ambientes locais, dispensando depurações espirituais ou ideológicas. O mesmo não se poderia dar no caso da revolução proletária, baseada amplamente sobre abnegação e coletivismo altruísta.

O ponto culminante deste elemento diferenciador parece claro nos casos chinês e vietnamita, em que os principais quadros condutores receberam treino externo, mas eram portadores de uma visão predominantemente local. O próprio Mao Tsé Tung, que treinou os núcleos formadores dos exércitos vietnamita e coreano, declarou certa vez:

“O marxismo é revolucionário quando se transforma em uma força nacional. O marxismo é revolucionário quando se apossa das massas de um país.”

Isso remete a discussão à questão já clássica da necessidade de existência de um núcleo social nacional, capaz de entender os traços nacional e de classe locais em termos locais, e elaborar um projeto independente, autônomo, que situe para o movimento revolucionário local o seu lugar no mundo.

O Leninismo

Ao organizar o movimento de massas desde o ponto mais baixo de suas reivindicações, o leninismo vê como as duas pontas extremas da aplicação de sua estratégia (“linha política justa”) a propaganda e a agitação. A luta política da classe revolucionária, o despertar de sua própria consciência de classe, advém de um choque objetivo qualquer, uma reivindicação mínima ou econômica, que, pela resistência da burguesia, se transforma em “bicho de sete cabeças”. Nesse momento, o quadro leninista se insere naquela luta concreta e procura desdobrá-la logicamente, de acordo com os interesses das mais amplas massas locais. O movimento de massas local, tanto quanto o geral, não busca, quando é lançado contra as classes dominantes, obter a maioria, mas obter a unanimidade das massas de classe. Daí a importância da propaganda política. Daí a importância da

preparação prévia dos quadros que deverão intervir nas crises previsíveis futuras. Para o leninismo, a consequência (chegar ao “verdadeiro fim”) da luta das massas está *fora* da luta das massas, mas no partido que se constitui a vanguarda e o estado-maior da revolução.

Por isso, para os leninistas, não tem qualquer importância se o desfecho de cada luta parcial do movimento de massa é *vitioso* ou *derrotado*. Com erros futuros, a vitória pode se transformar em derrota. Com acertos futuros, a derrota pode ser transformada em *vitória*. O traço essencial da psicologia leninista – gerado certamente por sua força ideológica – é a certeza da perpetuidade da luta, a certeza de que a dadas formas de luta não de suceder-se outras, num movimento contínuo. Esta certeza sobre a natureza do mundo social leva a uma luta perpétua contra seu inimigo social, a burguesia. Desta forma, à agitação necessária de um movimento inicial local, segue-se a placidez aparente da fase de propaganda, que serve de base ao trabalho de organização. No sentido leninista, sem a compreensão avançada das classes fundamentais (operariado e campesinado pobre), não há possibilidade de vitória. A vitória é um elemento da consciência social. Só o trabalhador consciente vai à luta. Só o trabalhador consciente pode chegar até o “verdadeiro fim”, ou seja, o aniquilamento organizativo do inimigo de classe.

É preciso aqui recordar que o leninismo é a forma revolucionária do marxismo no mundo contemporâneo. Como o marxismo, o leninismo crê na dialética como teoria do conhecimento. Ou seja: o leninismo não acredita num caráter suposto formal do mundo, mas crê que tudo que existe está em movimento, encerra o seu contrário, que o consome de forma inexorável. Sendo o mundo – isto inclui o mundo social – movimento perpétuo, tudo que conhecemos em breve estará destruído, ter-se-á ido e cumpre-nos a tarefa de modificá-lo da melhor maneira para a condição humana. O futuro é assim um ato de construção voluntária, que permite que seja imposta a vontade daquele que mais conhece e mais implacavelmente – ou determinadamente – luta. Em nossa época, a tarefa de mudar o mundo está na mão dos trabalhadores conscientes e o partido leninista é a arma que lhes cabe utilizar. Agitação política, organização de classe, propaganda política são assim momentos entrelaçados da prática social das classes que despertam para a consciência de que existem e têm um lugar na história.

Para o leninista, como marxista que é, a dialética existe na estrutura do pensamento humano e pode ser captada por uma lógica específica, uma lógica da contradição, que é a *lógica dialética*. As categorias da lógica dialética são assim a manifestação exterior – no processo do pensamento

– da própria lógica inerente ao pensamento, à sociedade e à natureza. Só através das categorias dialéticas pode o quadro leninista maximizar a sua intuição de classe e compreender de modo cabal o sentido da realidade, isto é, para aonde o mundo se move.

Esta certeza adquirida em milhares de horas de estudo, debates, reuniões e lutas fundamenta a compreensão do quadro leninista e o leva a avançar, entre os incêndios e tempestades da vida. A força da vanguarda leninista pode ser medida – em sua firmeza ideológica – pelo fato de, no século XX, a polícia de todos os países capitalistas haver criado um departamento político para combatê-la, lançando não raro mão das forças armadas para eliminar fisicamente este tipo de militante. Toda a estrutura da mídia e da educação capitalista está minada pela mentira e a calúnia contra o leninismo, chegando-se ao ponto da falsificação deliberada dos fatos históricos.

Contudo, apesar do êxito aparente da polícia do Estado capitalista, o leninismo é uma força viva entre os intelectuais, os movimentos de esquerda e os trabalhadores organizados. Não se consegue erradicá-lo pela força, nem ao marxismo em geral. Tudo indica que as crises periódicas do capitalismo e o vazio quase absoluto da vida espiritual dos pobres, sob o regime capitalista, continuem a gerar gerações de jovens com dúvidas capazes de levá-los à militância leninista. Daí que a ideia da existência de um *proletariado revolucionário internacional* não pareça – a quem analisa a situação – uma ideia morta, mas um fenômeno em hibernação.

Não se trata de simples metáfora, quando Lênin diz que o partido proletário é “o estado-maior do proletariado” e o “organizador de suas unidades de combate”. Os marxistas da II Internacional rejeçaram o que definiram como “linguagem militar” de Lênin. No entanto, ao fundir as duas linguagens, a da Política e a da Guerra, Lênin buscava enfatizar o caráter de continuidade entre a Política e a Guerra. Buscava eliminar a visão hipócrita da burguesia de que a guerra se dê contra ou à revelia de seus interesses.

O partido leninista apresenta uma versão coesa do marxismo – o bolchevismo – que é, aliás, a única versão do marxismo que visa tomar o poder na prática social de diferentes países ou diferentes regiões do mundo. O chamado “marxismo ocidental”, de ampla difusão, afastou-se da questão do poder e evoluiu para formas do neokantismo. Fundamentase ele numa versão reformada do kautskismo, com variedade de formas, mas que quase sempre viriam a degenerar em política demagógica ou até discurso acadêmico bajulatório da democracia burguesa, também simplesmente apoio às formas burguesas de dominação.

O partido leninista disso difere. É claro que em muitos lugares ele degenerou também, por não haver logrado formar um *núcleo dirigente* (ND) efetivamente leninista. No entanto, o verdadeiro partido leninista difere de um partido reformista. O leninismo é totalmente dirigido pelo sistema de conselhos diretivos (comitês) e cada estrutura sua está enquadrada pelo chamado *centralismo democrático*.

Tal centralismo não é nada mais que a doutrina de Rousseau sobre (a) a soberania da assembleia, que toma as decisões e é a entidade máxima, quando a assembleia se reúne; e (b) a política de condução das decisões por um *colegiado* (os quadros a serviço do povo), órgão supremo no intervalo das assembleias. Este *método organizativo* é tornado vivo por uma ciência política única, o leninismo, que elabora, com base na *análise da correlação de forças*, o plano de ação, seja imediato (tático) ou mediato (estratégico).

A análise da correlação de forças situa o organismo de ação (partido, comitê ou célula) no mundo, através de três interpretações situacionais: (1) global; (2) nacional; e (3) local. Os quadros se formam na ação leninista por via da elaboração teórica e na ação da tática e da estratégia, expressando assim o potencial de mudança revolucionária das forças produtivas. A doutrina política leninista corresponde, pois, ao nervo e à energia da estrutura política do proletariado e do povo trabalhador (que inclui o campesinado pobre).

É fácil perceber que a tal doutrina política corresponde sua contraparte, uma *doutrina militar* do proletariado. Esta doutrina militar permite ao partido pôr de pé todas as estruturas da autodefesa e até de guerra ofensiva que a manutenção da independência de classe, ou a tomada do poder, venham requerer. Os princípios da doutrina socialista, assim, em sua versão leninista, tornam possível “tomar o céu de assalto”, como na célebre divisa que comenta a Comuna de Paris. Para Lênin, tudo isso se situa no pleno da *arte operativa*, isto é, tudo aquilo que é concebido é em seguida planejado em detalhe e tornado materialmente possível, *antes* que a situação prevista se apresente. Só a antecipação da mudança tática, ou estratégica, que se fará necessária constitui para ele um “antídoto à derrota” e à “garantia prévia da vitória”.

O trabalho da III Internacional, contudo, ver-se-ia gradualmente prejudicado pela luta travada entre Zinoviev, seu líder, e Stálin pelo poder soviético. Depois que a “Troika” (os dois citados mais Kamenev) se livraram politicamente com facilidade do “neobolchevique” Trotsky, em 1925, acirrou-se a hostilidade entre Grigory (1883-1936) e Joseph (1878-1953). Apesar de Grigory Zinoviev haver se subordinado a Joseph Stálin em 1928, o georgiano não confiava nele e a III Internacional, como

organização que o embasava, continuou a ser lentamente asfixiada. A numerosa equipe dirigente da mesma ver-se-ia para sempre marcada pela colaboração com Zinoviev, sendo o camarada Ercoli (Palmiro Togliatti), secretário de agitação e propaganda da mesma, um dos poucos que sobreviveu à “depuração stalinista” (1936-1938).

Desse modo, pode-se considerar a III Internacional como uma organização, na prática formativa e orientadora, extinta com aquela depuração política (1938). Seguiu-se-lhe a Segunda Guerra Mundial e os quadros sobreviventes foram levados à luta aberta ou clandestina das diferentes frentes. Contudo, quadros se formaram dos conflitos na França, Espanha e Balcãs. Com a segunda guerra mundial, a generalização do conflito permitiria frutificar, particularmente na Ásia e Oceania muitas das sementes lançadas pelo famoso Komintern (Comissão Executiva da Terceira Associação Internacional Comunista). Quanto aos PCs de países que não se beneficiaram dos ensinamentos do Komintern, já nada se podia fazer por eles, mesmo no começo da segunda guerra mundial. Para tais partidos, o leninismo permaneceria um tesouro perdido em algum lugar do tempo.

O poder do leninismo, e a sua principal distinção quanto ao marxismo de Marx, é que ele leva ao máximo o fator subjetivo na luta revolucionária. Lênin de alguma forma percebeu o beco-sem-saída de uma teoria marxista dependente do evolucionismo e procurou apresentar como sua continuação uma teoria puramente lógica – embora de base histórica – da crise contemporânea, através da caracterização do imperialismo como uma ampla etapa de coroamento da evolução capitalista. A história, portanto, havia chegado a um grande descampado, um mundo global dominado por oligopólios, onde as duas classes fundamentais – a burguesia e o proletariado – travariam suas últimas e definitivas batalhas.

Através da teoria da “ruptura do elo mais fraco”, Lênin recriou desde Engels uma teoria militar marxista que uniu – diferentemente de Marx – à teoria política marxista da crise capitalista. Com Lênin, os marxistas passavam a possuir uma doutrina político-militar marxista, um corpo teórico completo e único, que faltava inclusive à própria burguesia como classe dominante. Em 1930, o quadro treinado pelo Komintern ou pelo Exército Vermelho em guerra e insurreição, segundo a teoria leninista, possuía um arsenal teórico completo, que permitia tentar a revolução em quaisquer condições.

Discursando certa vez sobre este aspecto, Lênin censurou a má preparação pelo Komintern das insurreições anteriores a 1924 (até 1923), qualificando-as, pouco antes de sua morte (1924) de “burrice, ou até pior,

uma traição”. Outras se seguiram... O impacto de semelhante crítica é tido como havendo reduzido as oportunidades políticas de Zinoviev no poder soviético. De fato, logo após a “Troika” haver reduzido o papel de Trotsky (1924), começou a marcha de Zinoviev para o ocaso (1925-1928). Lênin também chamou à atenção que o embate com o inimigo, *político* ou *militar* (referia-se à guerra civil) envolve sempre um choque principal de forças, que não pode ser confundido com o choque secundário (de forças). Que tal requer métodos unificados de direção, de trabalho e de ação. E que para garantir a direção do processo estratégico faz-se necessário: (a) a escolha do objetivo principal; (b) a elaboração do caminho (método); (c) o estudo do método de condução e da conduta no processo; (d) o asseguramento do comado.

“Se a revolução não arrasta às massas e não compreende o Exército (da classe oposta), em si mesmo, então não podemos falar de uma luta séria.”
(V. I. Lênin, Tomo X, pag. 50. Obras, Ed. Soviética).

De tudo, decorre a importância conferida pelo Komintern (III Comissão Internacional) à formação do quadro leninista. O estudo do caráter “universal da Revolução de Outubro” era compreendido como a escola necessária capaz de formar núcleos de bolcheviques estáveis. Em cada partido, teria que se dar a constituição de semelhante núcleo dirigente. Apenas um núcleo dirigente (ND) que houvesse assimilado o leninismo seria, pois, capaz, de montar um partido leninista e transmitir a ideologia revolucionária correta para a massa trabalhadora.

Tanto na África como na América Latina, no último quartel do século passado (1970-2000), acirraram-se as campanhas punitivas antioperárias, anticamponesas, de guerra étnica etc. Os golpes de estado promovidos pela C.I.A. durante este período visaram o extermínio físico de todos os indivíduos que se opunham com certa liderança ao imperialismo e às forças retrógradas, locais ou internacionais. A violência armada foi utilizada por certos Estados degenerados em forma de banditismo aberto, com apoio dos serviços de segurança das potências imperialistas.

Países como Uganda, Guatemala, El Salvador, Colômbia, Brasil, Argentina, Chile etc. chegaram ao limite da abjeção fascista, procedendo a massacres aprendidos nas entranhas da Segunda Guerra Mundial. O conjunto dos governos dos estados capitalistas silenciou sobre esses fatos, tratando-os como momentos de descontrole local, quando na verdade expressam uma política geral imperialista. Obviamente, como na luta contra o nazifascismo, os leninistas foram as vítimas favoritas de semelhantes massacres.

Isso ocorre porque as classes dominantes de todos os estados participam em graus diferentes das políticas guerreiras das forças imperialistas, mascarando no plano local a verdadeira natureza de seus interesses. A luta entre a classe trabalhadora e a burguesia constitui, portanto, o choque fundamental do mundo contemporâneo e não pode ser encerrada ainda que se transforme num massacre puro e simples, porque o limite de ação das classes dominantes é sua derrota política.

No Brasil, por exemplo, onde os movimentos sociais foram depurados de todos os elementos de tom revolucionário e, até mesmo, de protesto, as “autoridades” continuam seus massacres sob a forma de “esquadrão da morte” ou batalhões especiais da polícia, desta feita com a desculpa de combate ao narcotráfico etc. No entanto, uma elevada porcentagem da classe dominante local e de membros do aparato político é constituída de “gangsters”, que não sofrem qualquer crítica ou incômodo por parte... deles mesmos...

Uma vez que os conflitos armados abertos nada mais são do que a continuação da política das classes dominantes, é de total ingenuidade supor que a organização e a condução de formas do movimento popular não sejam (ou serão) reprimidas por formas de violência armada das classes dominantes. Uma vez que as classes dominantes dentro de cada país não podem renunciar a seus objetivos de exploração máxima da população, exportação de lucros, concentração de renda etc. é de total ingenuidade supor que as ações dos trabalhadores para aumentar seu poder social e político não serão interpretadas como preparação de violência e logo coibidas com a máxima violência possível.

A burguesia é uma classe que (1) deve esmagar os seus próprios trabalhadores, para obter o respeito de seus semelhantes; (2) deve esmagar – se necessário – as outras burguesias suas vizinhas; e para tal deve contribuir no esmagamento dos trabalhadores dos países vizinhos; (3) deve afrontar e, se possível, destruir a burguesia dos centros imperialistas, impondo por toda parte sua vontade. Como tal, deve adestrar-se para combater os movimentos trabalhador e libertário em nível internacional, e isso – é óbvio – não se faz demonstrando piedade dos pobres.

Em virtude do caráter tríplice indicado de sua natureza, a burguesia é uma classe dividida contra si mesma, cuja solidariedade só se dá em termos de pilhagem interna e internacional, em termos da *imiserção* do próximo e como necessidade das políticas de dominação vigentes. Nesse sentido, Kissinger não podia ser “bonzinho” com Salvador Allende; o Império do Brasil não poderia poupar Rosas; ou os EUA não poderiam ter “construído outro caminho” com o Vietnam.

O lobo não pode ser amigo do cordeiro. Por quê? Porque o lobo se alimenta de carne... também de cordeiro...

Os discursos reformistas, portanto, que apregoam o fim da remessa de lucros, o fim das máfias, o fim dos paraísos fiscais, o fim da poluição industrial etc. nada mais são do que discursos utópicos, apartados da busca da análise científica por cada qual dos temas que julga lhes interessar. Há uma barreira social que impede a melhoria estrutural das causas mundiais. Esta barreira é a burguesia. Baseada na apropriação individual dos instrumentos de produção e do acrescentamento da riqueza, a burguesia afasta o trabalho humano da sua essência humana, tornando-o simples meio de enriquecimento de meia dúzia. Leva, portanto, essa meia dúzia a viver na riqueza e na ostentação, privando a maioria dos recursos, para a solução básica de suas necessidades mínimas.

A acumulação de todas as forças da burguesia no plano mundial leva à atual centralização e unificação da política global do imperialismo. Os centros imperialistas procuraram infundir ordem, disciplina e planejamento nas políticas de saque ao chamado Terceiro Mundo, procurando destruir os focos locais de resistência à sua ação e assegurando a hegemonia de poucos em escala mundial. A única estratégia que vê e se opõe ao imperialismo como um todo, como estrutura do domínio do capital em nossa época é a estratégia leninista. Por isso ela continua a conduzir a bandeira unificadora das massas exploradas em toda parte e se constitui o instrumento fiel da possibilidade de vitória do povo trabalhador.

Núcleo Dirigente e Planejamento Leninista

Formado o “*núcleo dirigente*” do partido revolucionário, desde o ponto de vista leninista deve ele responder à pergunta: *qual a forma de luta mais vantajosa para aglutinar e mobilizar as classes com potencial revolucionário?* Para o leninismo, qualquer que seja o cenário inicial em que se forma a consciência de classe do proletariado é possível, “em nossa época” histórica, travar a luta pelo poder. A análise da correlação de forças facultava ao *núcleo dirigente* (ND) elaborar em teoria a estratégia correta na luta pelo poder, e, a partir dela, a tática correta para desencadear de *forma consciente* a luta pelo mesmo.

O leninismo prefere as formas pacíficas de luta, mas não se deixa tolher por ditaduras abertas, terrorismo de classe e outras formas de opressão das classes minoritárias e dominantes. No desdobramento das formas pacíficas de luta, o leninismo valoriza três métodos (feixes de formas de luta) como decisivos: (1) a *luta econômica*, onde expõe as

reivindicações parciais dos operários e do povo em geral (banheiros e período de descanso nas fábricas; água e saneamento nos bairros; melhorias no abastecimento e nos preços da cesta básica, etc.); (2) a *luta de ruas*, quando a simples organização e reivindicação dos trabalhadores e pobres não é ouvida ou considerada pelos dominadores; (3) a *luta parlamentar*, em que o nível de organização e de luta dos trabalhadores já lhes permite eleger representantes próprios ou de grupos sociais aliados, na busca de transformações sociais. No processo de luta parlamentar, o objetivo da ação leninista é atingir o nível mais alto de propaganda e da agitação, colocando pouco a pouco na ordem do dia uma política sólida de alianças, capaz de representar a maioria da população, na luta pelo poder.

No caso em que as formas práticas de luta não possam ser empregadas, diante de uma ditadura aberta mais ou menos terrorista, o ND deve responder à pergunta: *como levar da forma de luta atual (bloqueada) à forma de luta mais vantajosa para a classe?* Portanto, para o leninismo, a iniciativa na luta não é um privilégio da burguesia, nem pode ser imposta por tal classe aos trabalhadores. A direção da classe operária – mesmo na clandestinidade – pode e deve encontrar um caminho para restabelecer ou obter a iniciativa na luta política. Na luta para obter ou recuperar a iniciativa, o ND deve solucionar o problema da forma *tática concreta de defesa ativa*, que irá aplicar. Geralmente esta pode se iniciar com uma forte campanha de propaganda na classe, que busca afastar as ilusões despertadas por promessas demagógicas fabricadas pelos inimigos do povo e dos trabalhadores. Para o leninismo, esse tipo de político é o que mais abunda nos partidos burgueses e pequeno-burgueses.

Para escolher a *forma mais adequada de defesa ativa*, o ND responde à pergunta: *como chegar a prevalecer contra as forças do inimigo em presença?* A ação de massas – orientada estrategicamente – garante para o movimento dos trabalhadores a obtenção ou a preservação da iniciativa. A política leninista de organização assegura a criação dos meios necessários – principalmente os quadros – que correspondem às necessidades da correlação de forças. O ritmo desse processo determina o ritmo do processo de luta. O *plano de organização* se baseia nos seguintes elementos:

- (A) Na compreensão da natureza da correlação de forças;
- esta pode mudar rápida ou lentamente;
 - a mudança depende ou não de “nossa ação”; depende da natureza (correta ou não) da ação desencadeada;
 - é importante preservar parte da estrutura envolvida na ação tática para assegurar a continuidade e a profundidade da ação futura;

- (B) No controle dos fatores operacionais que garantem a ligação da tática com a estratégia;
- formação adequada da reserva de quadros para assegurar a continuidade tática, operacional e estratégica;
 - elaborar escolhas que possam garantir a manutenção e/ou a recuperação do elemento surpresa (condição importante para a iniciativa);
 - escolher corretamente a pauta das ações que possam ser efetuadas de modo surpreendente.

O planejamento leninista da ação revolucionária dá grau de importância ao uso do espaço, através de: (1) análise da estrutura das unidades geoeconômicas que compõe a ação; (2) a distribuição das forças revolucionárias no espaço, adiante com as previsões emanadas do plano tático e do desdobramento estratégico. Os leninistas usam o espaço de acordo com sua teoria elaborada da guerra de classes que se está a travar. A estrutura de organização do partido revolucionário e das estruturas por ele criadas ou controladas obedece à hierarquia do desdobramento por ele previsto da ação estratégica. Isso pode levar a diretivas aparentemente contraditórias para distintas estruturas.

Tal implica dizer que o partido leninista possui quanto à forma dois tipos de estrutura: (a) de direção; e (b) de trabalho de massas. Quanto aos objetivos, o partido possui estruturas – internas e externas – legais, semilegais e clandestinas. Semelhantes estruturas correspondem às necessidades do planejamento leninista e à expectativa das formas concretas de ação. O verdadeiro partido leninista era realmente um “estado-maior” da classe (vide os PC’s alemão, vietnamita e chinês, as experiências que mais ligaram a Revolução de Outubro à época atual). A estruturação dos órgãos de direção se dá de acordo com as seguintes “frentes de construção”:

- Política;
- Organização;
- Ideologia (Educação);
- Massas (Agitação e Propaganda);
- Finanças.

A ativação e desativação dos órgãos de direção (OD) dão-se de acordo com as necessidades de ordem tática e/ou estratégica. Por exemplo, na *estrutura de organização*, pode haver uma Comissão ou um Departamento Sindical, ou não; tal órgão pode ter uma seção ou comissão de segurança, ou não, etc.

A estrutura bolchevique de clandestinidade é uma decorrência do pensamento estratégico de obter a vitória para sua classe e para seu programa. A profundidade requerida por esta luta não permite subordiná-la ao Estado burguês, ou às suas imposições de classe. Marx chama a atenção que, na democracia burguesa, as leis são genéricas e tautológicas para a burguesia, mas necessitam regulamentação posterior para o proletariado. Ninguém questiona o direito do burguês nesse tipo de sociedade; mas prontamente questiona o direito do pobre e do trabalhador, colocando-os sob suspeição. São cidadãos somente para apoiar a burguesia. Da mesma forma dá-se com qualquer organização econômica ou política de pobres ou trabalhadores. Para funcionar, necessitam autorização da polícia, de órgãos do Estado etc. Quando há então uma diferença étnica entre a maioria e a burguesia, a coisa torna-se ainda pior.

Assim, o conteúdo revolucionário do pensamento leninista implica em rebeldia, autonomia e enfrentamento. A clandestinidade se torna aí uma resposta à repressão. Ela visa preparar uma resposta pela ação. Aos diferentes graus de violência contrarrevolucionária os leninistas ousam opor uma violência similar revolucionária.

Quando Kugelmann, amigo pessoal de Marx que combateu na revolução de 1848 e na Guerra Civil norte-americana, expressou por carta certa dúvida quanto à oportunidade da tomada do poder pela insurreição de Paris (Comuna), assim Marx lhe respondeu:

“Suceda o que suceder com a insurreição parisiense, ainda que venha a ser esmagada pelos lobos, os porcos e os cães repugnantes da antiga sociedade, será ela a mais gloriosa façanha do nosso Partido, desde a insurreição de junho” (Cartas a Kugelmann, edição alemã)

E como disse Li Lisan:

“O Partido sustenta qualquer insurreição de massa. Contudo, se a insurreição não estala espontaneamente, mas é organizada pelo Partido; se as massas entram na luta armada atendendo o chamado do Partido, este último tem a responsabilidade da escolha do momento e da direção da luta”. (Os acontecimentos de Petchili e Hunán; 1927; edição alemã).

Da insurreição disse ainda Lênin:

“A insurreição é uma grande palavra. O chamamento à insurreição é coisa sumamente séria. Quanto mais se amplia um regime social, e a organização do Poder é mais perfeita, quando a técnica militar está mais aperfeiçoada, tanto mais imperdoável é o emprego à ligeira desta palavra de ordem”. (Lênin, Acerca da Insurreição; 1905; edição alemã).

Ou ainda, como comenta Marx:

“A insurreição é uma arte, do mesmo modo que a guerra ou qualquer outra, e está submetida a certas regras, cuja negligência arruína o partido por ela culpável. Estas regras, que são deduções da natureza dos partidos e das circunstâncias com as que há que contar em semelhante caso, são tão claras e simples que a curta experiência de 1848 bastou aos alemães para aprendê-las. Primeiramente, não jogueis nunca com a insurreição, se não estais decididos a enfrentar todas as consequências do jogo. A insurreição é um cálculo com magnitudes desconhecidas, cujo valor pode variar todos os dias; as forças que combateis tem sobre vós a vantagem da organização, da disciplina e da autoridade tradicional. Caso não possais lhes opor forças superiores, sereis derrotados e estareis perdidos. Em segundo lugar, uma vez que se penetrou na via revolucionária, obrai com a maior determinação e tomai a ofensiva. A defensiva é a morte de toda sublevação armada. Está aniquilada assim antes de haver-se com o inimigo. Atacai a vossos adversários de improviso, enquanto suas tropas estão espalhadas. Atuai de tal forma que obtenhais todos os dias novos êxitos, por pequenos que sejam. Mantenha o ascendente moral que vos tenha concedido a primeira sublevação vitoriosa. Agrupai em torno de vós os elementos que seguem sempre o impulso mais forte e se alistam sempre no partido mais seguro. Forçai vossos inimigos a bater em retirada, antes que hajam podido concentrar suas forças contra vós. Segundo a frase de Danton, o velho mestre em tática revolucionária conhecido até hoje: audácia, mais audácia e sempre audácia.” (Karl Marx, Revolução e Contrarrevolução na Alemanha; edição alemã)

O conselho dos fundadores da revolução contemporânea é, portanto, claro:

- (1) Não brincar com a insurreição;
- (2) Não abandonar o povo que se levantou só;
- (3) Planejar cuidadosamente a insurreição inevitável.

O Fator Subjetivo

“A potência do inimigo apoia-se somente
no nosso consentimento”

V. N. Giap

O trabalho de conscientização da realidade de sua condição de classe e da impossibilidade em obter plenitude de oportunidades e direitos, sob o domínio implacável da burguesia gera no povo a percepção de que se encontra nas mãos de um inimigo interno, incapaz de repartir as riquezas e promover o bem-estar da maioria. A propaganda leninista toca em todas as notas da miséria e da opressão de A a Z, despertando gradualmente nas

massas do povo a compreensão de que, sob a burguesia, seus sofrimentos são eternos. Do ponto de vista leninista, a barbárie do regime burguês não decorre da maldade pessoal de cada burguês. Ela decorre da estrutura do sistema, da crueldade da injusta distribuição. É uma necessidade para a burguesia a miséria do povo trabalhador, do contrário ela perderia o controle dos meios de dominação do sistema.

O trabalho político externo do quadro leninista consiste, portanto, em “trabalho de massas”. Lênin dizia que 70% do tempo do partido deve ser consagrado ao “paciente esclarecimento das massas populares”. Apenas os restantes 30% do tempo devem ser consagrados à organização independente do partido. Por quê? Porque as classes dominantes nada podem “sem o amplo apoio” das massas populares. A propaganda detalhada, científica, competente, é o centro do trabalho de agitação leninista. Ela leva o povo em geral a responder à pergunta: “Você acha que aquele sujeito (social) ali vai resolver os seus problemas?” A primeira preocupação leninista é ensinar as massas a ter independência. A segunda, é levá-la a “caminhar com as suas próprias pernas”. Nada, em parte alguma, pode deter o “movimento de massas”.

A consciência despertada nas massas de quais são os seus verdadeiros interesses políticos é uma força invencível. Esta é a verdadeira arma dos leninistas e não – como apregoa a burguesia – outros tipos de arma. A ação consciente das massas se constitui em “uma só fagulha, que pode incendiar toda uma pradaria” (Mao Tsé Tung). “Uma muralha silenciosa se ergue”, uma “combustão surda põe-se a caminho” por todo o tecido social da sociedade dominada (V. N. Giap).

As classes dominantes podem ver na face dos dominados a recusa à sua dominação. Nesse momento, “a potência do inimigo apoia-se somente no nosso consentimento”. A situação social encontra-se madura para grandes acontecimentos políticos. Ressalte-se, no entanto, que, no entendimento leninista, a ruptura da dominação não se dá objetivamente, ou à marcha fortuita de acontecimentos desfavoráveis do sistema capitalista (como a presente crise). A ruptura dá-se como *elemento subjetivo*, como resultado da paciente educação das massas para a luta revolucionária, pela propaganda ativa das forças que combatem a mentira e a ilusão de classe, vigentes na ideologia social dominante.

Tornadas as massas conscientes de que seus próprios interesses não se resolvem no quadro do regime vigente, torna-se então possível canalizar politicamente seus protestos desde as menores reivindicações até as mais extensas. O partido leninista torna-se capaz de revelar-se o condutor das grandes massas. A burguesia – entidade cosmopolita –

torna-se estrangeira em seu próprio país, no local onde domina. Ela já não pode vencer as eleições burguesas que periodicamente promove e decide passar à sua outra forma costumeira de poder, a *ditadura aberta e terrorista*.

A análise do caráter burguês da crise no Brasil, nos últimos cem anos, ou pouco mais, é revelador do acerto das teses leninistas. Depois da crise do fim do escravismo (1882-1890), a burguesia excluiu a maioria da população da vida política. Elementos de classes subalternas nas próprias forças da ordem do sistema rebelaram-se diversas vezes, levando ao florianismo (1888-1896), hermismo (1912-1918) e tenentismo (1918-1935). Estas rebeliões constantes levaram o regime burguês a formas semicoloniais de poder e ditaduras terroristas (1889-1930, República Velha; 1930-1945, ditadura de Vargas; 1964-1990, ditadura militar).

Apenas um punhado de anos (56, de 1882 a 2012!) pôde o povo viver em relativa liberdade, sob o regime burguês. Aí se revela a instabilidade da chamada “democracia burguesa”, regime que só é aplicado quando as forças populares se encontram desorganizadas, pelo extermínio físico periódico de seus líderes. A dominação burguesa, utilizando os meios de comunicação que detém como monopólio, as igrejas, as escolas, etc., procura mistificar e mascarar a realidade de seu regime anti-humano. Para manter o *status quo*, milhares de brasileiros são assassinados anualmente pelas “forças da ordem”, como uma indicação sinistra da natureza do regime. Salta pois, à vista que (a) a manutenção do regime corrupto da burguesia tem um custo muito mais elevado do que (b) o advento de um novo regime por uma revolução social.

O fato de que circunstâncias políticas na luta anticolonialista (libertação nacional) haja levado – ou possa levar – à alianças táticas ou estratégicas com setores de classes dominantes, como no caso da chamada burguesia nacional, não é suficiente, para os leninistas, para desclassificar a natureza da burguesia como exploradora. Elementos como Nasser, Sukarno, J. Nehru, Mossadegh; ou Goulart no Brasil, foram e devem ser apoiados em suas ações antiimperialistas, e não porque representam as amplas camadas do povo trabalhador, em sua luta pelo progresso material, a liberdade e a justiça social. O leninismo acarreta a organização independente dos trabalhadores sendo possível, portanto, cogitar-se alianças ou ações parciais comuns com outros setores sociais, desde que se tenham inimigos comuns.

Dessa forma, a ideia leninista de que a insurreição é a forma suprema de luta revolucionária, e a principal via para a conquista do Estado burguês, combinada com a teoria leninista de “ruptura do elo mais fraco”, na época

do imperialismo, conduz naturalmente à identificação com a insurreição operário-camponesa de todas as outras formas de levante popular, no mundo contemporâneo. Múltiplas formas de o povo se manifestar na História são aprendidas pelo arsenal teórico marxista e incorporadas às categorias e aos conceitos de sua teoria político-militar. O caráter global do palco e o desfecho total da luta soviética ficam assim assegurados. Pode-se assim compreender a conceituação de Li Lisan como um passo adiante da responsabilidade leninista, capaz de – em certa extensão – perdoar os erros de Zinoviev e apresentar o quadro leninista como um combatente determinado, incansável, e capaz de lutar em quaisquer condições. Daí que se haja forjado, ao longo das décadas, a famosa divisa de Ho Chi Minh, sobre o desempenho do quadro comunista:

“Cumprir qualquer tarefa, vencer a qualquer inimigo, superar qualquer dificuldade.” (Ho Chi Minh, *Nossas Tarefas*, 1968, edição francesa).

O leninismo é claramente uma doutrina marxista que enfatiza o papel subjetivo no curso da História, mais que qualquer outra corrente. Com sua teoria da defesa ativa e da formação de quadros sobre a marcha da luta revolucionária, o leninismo foi caracterizado pelos kautskistas como o máximo do voluntarismo. Nesse sentido, assim como o kautskismo é uma concepção alemã, o leninismo é nitidamente russo. E aqui se retorna à questão inicial: é tal visão – em seu traço nacional e de classe – internacionalizável? Para a dialética marxista não pode existir algo em particular que não faça parte de algo geral, ou seja, o particular é a manifestação do geral.

A humanidade é um fato geral, por exemplo, porque ela existe em cada povo que existe. A resposta, portanto, continua sendo aquela de Mao Tsé Tung. Sim. Enquanto seja capaz de converter-se em uma teoria nacional. Tal conversão – obviamente – só pode dar-se por via da formação leninista de quadros locais. Esses quadros locais, como Li Lisan, Mao Tsé Tung ou os “vinte e oito bolcheviques”; como o próprio Ho Chi Minh ou Nguyen Giap, devem por sua vez realizar sua “própria travessia” de assimilação das categorias específicas da dialética, enquanto materialismo histórico, aplicado às circunstâncias e características locais de sua luta, agora tornada universal.

Daí a importância para a estratégia burguesa de autopreservação, de eliminação física do quadro leninista. Em todas as regiões do mundo, no cenário da luta total pelo poder, a burguesia lançou mão do homicídio por via da polícia política, do campo de concentração, etc., chegando ao genocídio. É preciso recordar que grande parte da comunidade judaica, além

de judaica, era também marxista, nos campos de extermínio de Hitler. Este chamava o marxismo de “doutrina judaica” para a “dominação do mundo”, revelando ao mesmo tempo o traço nacionalista, antijudaico e antimarxista do hitlerismo. Os partidários de Hitler, por toda a parte no pós-guerra (1945-), tornaram-se mais lacônicos, mas também mais cínicos. Eles se transformaram em “defensores da democracia” (burguesa).

A lista de chacinas efetuadas pela burguesia em toda parte no pós-1945 indica essa classe social como discípula amada de Hitler. Não é à toa que a imagem de seu líder natural esteja sempre viva nas ondas da TV, nas páginas das revistas ocidentais etc. Os neoclausewitzianos de direita, mais do que discípulos de Napoleão I, são claramente discípulos de Hitler.

Os regimes ocidentais transformaram-se – como havia predito Herbert Marcuse – em ditaduras fascistas mal disfarçadas, onde a força de choque é cada vez mais de forças armadas de tropas especiais. Os *drones* e a invasão de países sem guerra declarada, sucedâneos lógicos dos *stukas* e da guerra relâmpago (Blitzkrieg) levam a toda parte a ameaça de destruição física pelas forças do imperialismo. Vê-se que o fascismo de tipo hitlerista é o “lado melhor” da dominação burguesa em toda parte, pelo seu caráter “franco e aberto”...

Na América Latina e na África, lugares onde a formação leninista foi sabidamente escassa, o massacre periódico dos movimentos populares e dos quadros revolucionários é a receita aplicada até a exaustão. As duas máscaras da burguesia, a ditadura aberta e o regime de eleições, se alternam, de acordo com as “necessidades históricas”.

Nessa situação, cabe a pergunta: estará extinta a chama da revolução na época contemporânea? A repressão científica terá matado a utopia da revolução? A resposta, obviamente, só a História pode dar. Contudo, pode-se perceber seja difícil a maioria recusar a sobreviver, num mundo em que o domínio da burguesia e seu monopólio da riqueza aumentam sem cessar. Certamente, novos choques hão de desenhar-se entre os anões que produzem junto ao fogo do inferno e a raça dominante dos super-homens. E, desconfie-se, tais choques não se darão na mitologia dos filmes de cinema. Para o historiador atento, a concepção leninista do mundo esgotou apenas sua primeira fase, aquela da sua produção.

O colapso do mundo leninista, iniciado com a queda da União Soviética (1990-1992), esclarece apenas o bloqueio daquela concepção revolucionária nos quadros do Estado resultante da Revolução Russa. Plagiando a “concepção de direita” da própria Revolução Soviética, ainda não se concluiu o “século francês” (alusão a 1789-1889) que sucedeu à vitória de Lênin (1917-2017). Não estão sobre a mesa todas as cartas.

O grau de parasitismo do capitalismo atual contrasta com o potencial de mudança gerado pela população crescente e as novas tecnologias. A atual *crise de crescimento* do capitalismo liberta, no lado oposto de pobreza e miséria, a reelaboração das experiências e teorias revolucionárias.

O leninismo é nisso importante depósito do saber de todos os oprimidos. É evidente para o historiador que já se acham por aí a ferver os cadinhos da reorganização leninista e de outros tipos. É importante observar que só o domínio do *método dialético* é a fonte teórica necessária para embasar a formação dos quadros leninistas.

A vida desses quadros no seu aparato organizativo propicia-lhes a condição de treinamento revolucionário no prazo mais amplo. São agora de toda atualidade os ensinamentos de Vo Nguyen Giap sobre a luta com inferioridade “dentro do cerco”... Disse Ho Chi Minh:

“Não é possível falar de luta armada, de organização das forças armadas revolucionárias, sem abordar o problema da retaguarda. É muito importante e tem uma significação estratégica e decisiva, tanto para o futuro da luta armada, como para a organização das forças armadas”. (Ho Chi Minh, Guerra do Povo, Exército do Povo, Hanói, 1961, edição em francês).

Ou seja, o conceito leninista de tensionamento máximo das forças em ação não substitui a importância da preparação de cada parte, através do emprego de ampla arte operacional, capaz de assegurar a profundidade na luta. Os quadros devem ser formados de acordo com as tarefas *que, se espera*, deverão cumprir no futuro que se aproxima. A improvisação não pode ser vista como fonte de sucesso. Nesse sentido, a integridade do discurso leninista impõe como premissa para a ação, a sobrevivência da organização leninista.

A transformação da guerra fria em um tipo de guerra que reserva o emprego das armas exclusivamente para a redivisão do chamado Terceiro Mundo, coloca certa similitude com o período histórico 1850-1914. O centro do sistema é preservado de conflitos abertos, dando-se a luta intestina no campo do controle financeiro e industrial.

Quanto à chamada periferia do sistema, a ação militar é canalizada para a redistribuição das fontes de matérias primas, sob o escudo da “luta contra as ditaduras” e estabelecimento do “valor universal da democracia”. Esta bandeira já nasceu esfarrapada e mal pode encobrir a redivisão neocolonial. No entanto, a concentração extrema da riqueza, inclusive nas sociedades do centro do sistema, cada vez menos democráticas, leva à dificuldade de acionar o “motor de partida” de uma nova fase de crescimento, obviamente a redistribuição do botim por métodos neocoloniais.

As enormes quantidades de petróleo e gás obtidos da ex-União Soviética e da Líbia, do Iraque e do Afeganistão, continuam na mão dos especuladores, com preços artificialmente elevados, a bloquear um novo surto expansivo.

A enorme produção industrial da China, cuja metade é despejada no mercado internacional, apesar de seus preços cadentes, sofre dificuldade de ser absorvida, devido à extensão do desemprego mundial (crise da realização).

A falta de “solidariedade” de classe da burguesia vê-se com detalhe na presente crise (2008-?), quando, cada grupo dominante em cada nação, procura lançar os prejuízos da mesma para seus parceiros e para as outras nações, deixando de lado a busca de soluções comuns.

Na “Comunidade” Europeia, a burguesia alemã, que multiplicou seus lucros nos últimos anos às custas de Portugal, Espanha, Itália e Grécia, sugando-os através de seu capital financeiro, recusa-se a fornecer-lhes poder de compra sem lucros, como um senhor que se recusasse a alimentar o seu escravo doente.

Os EUA e a Grã-Bretanha, por outro lado, além de descarregar a maior parte da crise nos bolsos dos seus trabalhadores e de seus pobres, trataram de “arrancar o couro” da União Europeia, através de medidas que se aproveitam das dificuldades da mesma.

Em toda parte as burguesias de cada país estão a enfrentar a crise da mesma forma: (a) piorando a situação dos seus trabalhadores; (b) lançando contra a “burguesia vizinha” as perdas que não podem cobrar de seus próprios pobres (vide Japão, China, Argentina, Chile, Itália, Grã-Bretanha, Rússia, etc.).

Pelo tamanho e extensão dessa crise (possivelmente 2008-2018), é de se esperar seu reflexo na consciência de amplas massas trabalhadoras. A burguesia do centro do sistema procura concentrar a produção bruta na periferia do sistema, comprando apenas a “produção essencial” para a sobrevivência de sua dominação.

Por isso, ao concentrar sua produção local apenas em itens de monopólio tecnológico ou de elevadas taxas de retorno, tais trabalhadores são substituídos por equipamentos, ou pela produção da periferia. Já há países centrais com 50% de mão de obra jovem desempregada permanentemente (Itália, Grécia, Portugal, Irlanda, Espanha, etc.). Este fenômeno no longo prazo contribuirá certamente para o despertar de novos movimentos de consciência e para levar a novas jornadas de luta do povo trabalhador.

Assim, é possível ao trabalhador organizar-se e lutar “dentro do cerco capitalista”, como fizeram seus antepassados, antes da chamada Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Não resta a menor dúvida que o movimento trabalhador saberá renovar-se e encontrar novos caminhos para a sua ação. Dentro desse processo criativo, o patrimônio da experiência e da ideologia leninista constitui peça importante, e talvez fundamental, para a obtenção de novas vitórias do povo, por toda parte.

Para tanto, cumpre recordar os ensinamentos dos fundadores do leninismo, pois dizem todos com o vitorioso V. N. Giap:

“É o valor dos homens que decide, no final, por todas as causas e de todos os combates.”